

STEPHEN
KING

E

OWEN
KING

BELAS
ADORMECIDAS

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Copyright © 2017 by Stephen King e Owen King
Publicado mediante acordo com os autores através da The Lotts Agency.

“Born a woman.” Letra e música de Martha Sharp.
Copyright © 1956 Painted Desert Music Corp. Copyright renovado.
Copyright internacional assegurado. Todos os direitos reservados.
Usado sob permissão. Reimpresso com permissão de Hal Leonard LLC.

“I’ll sleep when I’m dead.” Letra e música de Warren Zevon.
Copyright © 1976 ZEVON MUSIC. Copyright renovado.
Todos os direitos administrados por SONGS OF UNIVERSAL, INC.
Todos os direitos reservados.
Usado sob permissão. Reimpresso com permissão de Hal Leonard LLC.

“The auld triangle”, de The Quare Fellow.
Copyright © 1956 Patrimônio de Brendan Behan, reimpresso com a generosa permissão do Patrimônio de Brendan Behan e The Sayle Literary Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Sleeping Beauties

Capa
Jim Tierney

Ilustração de capa
Federico Bebbler

Preparação
Isis Pinto

Revisão
Thaís Totino Richter
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
Belas adormecidas/ Stephen King; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Suma, 2017.

Título original: Sleeping Beauties.
ISBN 978-85-5651-051-8

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana
1. Título.

17-07366

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense: Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

PERSONAGENS

CIDADE DE DOOLING, SEDE DO CONDADO DE DOOLING

- Truman “Trume” Mayweather, 26, fabricante de metanfetamina
- Tiffany Jones, 28, prima de Truman
- Linny Mars, 40, polícia de Dooling, atendente
- Xerife Lila Norcross, 45, do departamento de polícia de Dooling
- Jared Norcross, 16, aluno do segundo ano da Dooling High School, filho de Lila e Clint
- Anton Dubcek, 26, dono e funcionário da Anton, o Cara da Piscina Ltda.
- Magda Dubcek, 56, mãe de Anton
- Frank Geary, 38, agente do Controle de Animais, cidade de Dooling
- Elaine Geary, 35, voluntária no Goodwill e esposa de Frank
- Nana Geary, 12, aluna de sexto ano na Dooling Middle School
- Velha Essie, 60, uma mulher sem-teto
- Terry Coombs, 45, do departamento de polícia de Dooling
- Rita Coombs, 42, esposa de Terry
- Roger Elway, 28, do departamento de polícia de Dooling
- Jessica Elway, 28, esposa de Roger
- Platinum Elway, 7 meses, filha de Roger e Jessica
- Reed Barrows, 31, do departamento de polícia de Dooling
- Leanne Barrows, 32, esposa de Reed
- Gary Barrows, 2, filho de Reed e Leanne
- Vern Rangle, 48, do departamento de polícia de Dooling
- Elmore Pearl, 38, do departamento de polícia de Dooling
- Rupe Wittstock, 26, do departamento de polícia de Dooling
- Will Wittstock, 27, do departamento de polícia de Dooling

- Dan “Treater” Treat, 27, do departamento de polícia de Dooling
- Jack Albertson, 61, do departamento de polícia de Dooling (aposentado)
- Mick Napolitano, 58, do departamento de polícia de Dooling (aposentado)
- Nate McGee, 60, do departamento de polícia de Dooling (aposentado)
- Carson “Country Strong” Struthers, 32, ex-boxeador Luvas de Ouro
- Treinador JT Wittstock, 64, treinador dos Warriors, time de futebol americano da Dooling High School
- Dr. Garth Flickinger, 52, cirurgião plástico
- Fritz Meshaum, 37, mecânico
- Barry Holden, 47, defensor público
- Oscar Silver, 83, juiz
- Mary Pak, 17, aluna de segundo ano da Dooling High School
- Eric Blass, 17, aluno de segundo ano da Dooling High School
- Curt McLeod, 17, aluno de segundo ano da Dooling High School
- Kent Daley, 17, aluno de segundo ano da Dooling High School
- Willy Burke, 75, voluntário
- Dorothy Harper, 80, aposentada
- Margaret O’Donnell, 72, irmã de Gail, aposentada
- Gail Collins, 68, irmã de Margaret, secretária de consultório de dentista
- Sra. Ransom, 77, confeitadeira
- Molly Ransom, 10, neta da sra. Ransom
- Johnny Lee Kronskey, 41, detetive particular
- Jaime Howland, 44, professor de história
- Eve Black, aparenta 30 anos de idade, forasteira

A PRISÃO

- Janice Coates, 57, diretora, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Lawrence “Lore” Hicks, 50, vice-diretor, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Rand Quigley, 30, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Vanessa Lampley, 42, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling e campeã de queda de braço de 2010 e 2011 de Ohio Valley, faixa etária 35-45

- Millie Olson, 29, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Don Peters, 35, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Tig Murphy, 45, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Billy Wettermore, 23, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Scott Hughes, 19, guarda, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Blanche McIntyre, 65, secretária, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Dr. Clinton Norcross, 48, psiquiatra sênior, Instituto Penal para Mulheres de Dooling, e marido de Lila
- Jeanette Sorley, 36, detenta nº 4582511-1, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Ree Dempster, 24, detenta nº 4602597-2, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Kitty McDavid, 29, detenta nº 4603241-2, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Angel Fitzroy, 27, detenta nº 4601959-3, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Maura Dunbarton, 64, detenta nº 4028200-1, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Kayleigh Rawlings, 40, detenta nº 4521131-2, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Nell Seeger, 37, detenta nº 4609198-1, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Celia Frode, 30, detenta nº 4633978-2, Instituto Penal para Mulheres de Dooling
- Claudia “Silicone” Stephenson, 38, Instituto Penal para Mulheres de Dooling

OUTROS

- Lowell “Little Low” Griner, 35, criminoso
- Maynard Griner, 35, criminoso
- Michaela Morgan, Coates de nascimento, 26, repórter nacional, NewsAmerica

- Compadre Brightleaf (Scott David Winstead Jr.), 60, pastor presidente, Bright Ones
- Raposa comum, entre 4 e 6 anos de idade

*It makes no difference if you're rich or poor
Or if you're smart or dumb.
A woman's place in this old world
Is under some man's thumb,
And if you're born a woman
You're born to be hurt.
You're born to be stepped on,
Lied to,
Cheated on,
And treated like dirt.*

Sandy Posey, "Born a Woman"
Letra de Martha Sharp

Eu digo que você não pode não querer saber de um quadrado de luz.

Reese Marie Dempster, detenta 4602597-2
Instituto Penal para Mulheres de Dooling

Ela foi avisada. Explicaram tudo. Mas, mesmo assim, ela persistiu.

Senador Addison “Mitch” McConnell,
falando sobre a senadora Elizabeth Warren

BELAS ADORMECIDAS

A mariposa faz Evie rir. Pousa no antebraço exposto, e ela passa o indicador de leve pelas ondas marrons e cinzentas que colorem as asas.

— Oi, lindinha — diz ela para a mariposa. O inseto levanta voo. Subindo, subindo, subindo segue a mariposa, e é engolida por um raio de sol emaranhado nas folhas verdes e brilhantes seis metros acima de onde Evie está, entre as raízes no chão.

Uma comprida cabeça de cobre sai pelo buraco negro no centro do tronco e desliza entre placas da casca. Evie não confia na cobra, obviamente. Já teve problemas com ela antes.

Sua mariposa e dez mil outras surgem da copa da árvore em uma nuvem crepitante e parda. O enxame rola pelo céu na direção da floresta debilitada de replantio de pinheiros do outro lado da campina. Ela se levanta e vai atrás. Seus pés esmagam os caules, e a grama na altura da cintura arranha a pele nua. Quando atravessa para o bosque triste, na maior parte, árvores derrubadas, Evie detecta os primeiros odores químicos (amônia, benzeno, petróleo, tantos outros, dez mil cortes em um único pedaço de pele) e abandona a esperança que não tinha percebido que tinha.

Teias caem de suas pegadas e cintilam na luz da manhã.

PARTE UM
O VELHO TRIÂNGULO

*In the women's prison
there are seventy women
and I wish it was with them
that I did dwell.
Then that auld triangle could go jingle-jangle
all along the banks of the Royal Canal.*

Brendan Behan

1

1

Ree perguntou a Jeanette se ela já tinha visto o quadrado de luz da janela. Jeanette disse que não. Ree estava no beliche de cima, Jeanette, no de baixo. As duas estavam esperando que as celas fossem destrancadas para o café da manhã. Era mais um dia.

Parecia que a colega de cela de Jeanette tinha feito um estudo do quadrado. Ree explicou que ele começava na parede em frente à janela, deslizava para baixo, para baixo, para baixo, depois percorria a superfície da mesa e finalmente chegava ao chão. Como Jeanette podia ver agora, estava bem no meio do piso, totalmente iluminado.

— Ree — disse Jeanette. — Eu não quero saber de um quadrado de luz.

— Eu digo que você *não pode* não querer saber de um quadrado de luz!

— Ree fez aquele barulho grasnado que era como manifestava que estava achando graça.

Jeanette disse:

— Beleza. Sei lá que porra você tá falando. — E sua colega de cela só grasnou mais.

Ree era legal, mas parecia uma criança pela forma como o silêncio a deixava nervosa. Estava presa por fraude com cartão de crédito, falsificação e posse de drogas com intenção de venda. Ela não era boa em nenhuma dessas coisas, o que a fez ir parar lá.

Jeanette estava presa por homicídio culposo; em uma noite de inverno em 2005, ela enfiou uma chave de fenda na virilha do marido, Damian, e como ele estava doidão, apenas ficou sentado na poltrona e sangrou até morrer. Ela também estava doidona, claro.

— Eu estava olhando o relógio — disse Ree. — Cronometrei. Vinte e dois minutos para a luz ir da janela até aquele lugar no chão.

— Você devia chamar o *Guinness* — disse Jeanette.

— Ontem à noite, eu sonhei que estava comendo bolo de chocolate com Michelle Obama, e ela estava puta da vida: “Isso engorda, Ree!”. Mas ela também estava comendo o bolo. — Ree grasnou. — Que nada. Não sonhei isso, não. Inventei. Na verdade, eu sonhei com uma professora que eu tive. Ela ficava me dizendo que eu não estava na sala certa, e eu ficava dizendo para ela que estava na sala certa, e ela dizia que tudo bem e dava um pouco de aula, depois me dizia que eu não estava na sala certa, e eu dizia que não, eu estava na sala certa, e começava tudo de novo. Foi muito irritante. Com o que você sonhou, Jeanette?

— Ah... — Jeanette tentou lembrar, mas não conseguiu. Sua nova medicação parecia ter deixado o sono mais pesado. Antes, às vezes ela tinha pesadelos com Damian. Ele aparecia do jeito que ficou na manhã seguinte, quando estava morto, a pele riscada de azul, como tinta molhada.

Jeanette perguntou ao dr. Norcross se ele achava que os sonhos tinham a ver com culpa. O médico estreitou os olhos para ela com aquela cara de “você está falando sério?” que a deixava louca, mas com que acabou se acostumando, e depois perguntou se ela era de opinião que coelhos tinham orelhas grandes. Ah, tá. Entendido. De qualquer modo, Jeanette não sentia falta daqueles sonhos.

— Desculpa, Ree. Não me lembro de nada. Se sonhei alguma coisa, esqueci.

Em algum lugar no corredor do segundo andar da Ala B, sapatos estavam estalando no cimento: era um guarda fazendo uma verificação de última hora antes de as portas se abrirem.

Jeanette fechou os olhos. Inventou um sonho. Nele, a prisão era uma ruína. Trepadeiras verdejantes subiam pelas paredes antigas das celas e balançavam na brisa da primavera. O teto tinha sumido parcialmente, corroído pelo tempo, de forma que só uma parte restava. Dois lagartos pequenos corriam por uma pilha de entulho enferrujado. Borboletas voavam no ar. Aromas intensos de terra e folhas temperavam o que sobrava da cela. Bobby estava impressionado, de pé ao lado dela em um buraco na parede, olhando para dentro. Sua mãe era arqueóloga. Ela tinha descoberto aquele lugar.

— Você acha que dá pra uma pessoa que tem ficha criminal participar de um game show?

A visão desabou. Jeanette gemeu. Foi bom enquanto durou. A vida era melhor com os comprimidos. Havia um lugar calmo e tranquilo que ela conseguia encontrar. Ela tinha que ser justa com o doutor; era melhor viver pela química. Jeanette reabriu os olhos.

Ree estava olhando para ela. Não havia muito que pudesse ser dito a favor da prisão, mas uma garota como Ree talvez estivesse mais segura lá dentro. No mundo lá fora, ela ia acabar andando no meio do trânsito. Ou vendendo drogas para um policial da narcóticos que estava na cara que era um policial da narcóticos. Que foi exatamente o que ela fez.

— O que foi? — perguntou Ree.

— Nada. Eu estava no paraíso, só isso, e sua boca grande acabou com tudo.

— O quê?

— Deixa pra lá. Escuta, acho que devia ter um game show em que só pudesse jogar quem *tivesse* ficha criminal. A gente podia chamar de *Suas mentiras valem prêmios*.

— Adorei isso! Como seria?

Jeanette se sentou, bocejou e deu de ombros.

— Eu vou ter que pensar. Sabe como é, inventar as regras.

A casa delas estava como sempre tinha sido e como sempre seria, por toda eternidade, amém. Uma cela com dez passos de comprimento, com quatro passos entre o beliche e a porta. As paredes eram de cimento liso da cor de aveia. As fotos e os cartões-postais com cantos curvados estavam presos (ainda que ninguém se desse ao trabalho de olhar) com bolinhas de massa adesiva verde no único espaço aprovado para isso. Havia uma pequena mesa de metal encostada em uma parede e uma estante baixa de metal encostada na parede em frente. À esquerda da porta, ficava a privada de aço onde elas tinham que se agachar, cada uma olhando para um lado para tentar criar uma pobre ilusão de privacidade. A porta da cela, com a janela com vidraça dupla na altura do olho, dava vista para o curto corredor que percorria a Ala B. Cada centímetro e objeto dentro da cela era carregado dos odores penetrantes da prisão: suor, mofo, Lysol.

Contra a vontade, Jeanette finalmente reparou no quadrado de sol entre as camas. Estava quase na porta, mas não iria mais longe, iria? A não ser

que um carcereiro enfiasse uma chave na porta ou que abrissem a cela da Guarita, o tal quadrado ficaria preso ali dentro tanto quanto elas.

— E quem seria o apresentador? — perguntou Ree. — Todo game show precisa de um apresentador. E que tipo de prêmios seriam? Os prêmios têm que ser bons. Detalhes! Nós temos que pensar nos detalhes, Jeanette.

Ree estava com a cabeça apoiada, enrolando um dedo nos cachos pequenos e descoloridos enquanto olhava para Jeanette. Perto do alto da testa de Ree havia uma cicatriz que parecia uma marca de grelha, três linhas paralelas fundas. Apesar de Jeanette não saber o que tinha provocado a cicatriz, podia adivinhar *quem* a tinha feito: um homem. Talvez o pai dela, talvez o irmão, talvez um namorado, talvez um cara que ela nunca tinha visto antes e nunca mais veria. Dentre as detentas do Instituto Penal de Dooling havia, para dizer com delicadeza, poucas histórias de vencedoras de prêmios, mas muitas histórias com homens maus.

O que se podia fazer? Podia sentir pena de si mesma. Podia se odiar ou podia odiar todo mundo. Podia ficar doidona cheirando produtos de limpeza. Podia fazer o que quisesse (dentre as suas opções reconhecidamente limitadas), mas a situação não mudaria. Sua próxima rodada girando a grande e brilhante Roda da Fortuna não aconteceria antes da próxima audiência de condicional. Jeanette queria fazer o melhor possível para a dela. Tinha o filho em quem pensar.

Houve um baque ressoante quando o guarda na Guarita abriu sessenta e duas trancas. Eram seis e meia da manhã e todo mundo tinha que sair da cela para a contagem de cabeças.

— Não sei, Ree. Você pensa — disse Jeanette — e eu penso, e depois trocamos ideias. — Ela tirou as pernas de cima da cama e se levantou.

2

A alguns quilômetros da prisão, no deque da casa dos Norcross, Anton, o cara da piscina, estava tirando insetos mortos da água. A piscina tinha sido o presente de aniversário de dez anos de casamento do dr. Clinton Norcross para a esposa, Lila. Olhar para Anton sempre fazia Clint questionar se tinha sido inteligente dar aquele presente. Aquela manhã era uma dessas vezes.

Anton estava sem camisa, e por dois bons motivos. Primeiro, o dia seria quente. Segundo, seu abdome era de pedra. Ele era sarado, Anton o cara da piscina; parecia um garanhão de capa de romance. Se você disparasse balas no abdome de Anton, era melhor fazer de um certo ângulo, porque ricocheteariam. O que ele comia? Montanhas de proteína pura? Qual era o treino dele? Limpar os estábulos de Aúgias?

Anton levantou o olhar e sorriu debaixo das lentes reluzentes dos óculos Wayfarer. Com a mão livre, acenou para Clint, que estava olhando da janela do segundo andar, do banheiro da suíte.

— Jesus Cristo, cara — disse Clint baixinho para si mesmo. Ele retribuiu o aceno. — Tenha piedade.

Clint se afastou da janela. No espelho da porta fechada do banheiro, apareceu um homem branco e velho de quarenta e oito anos, graduado em Cornell, medicina na NYU, com pneuzinhos modestos por causa do Grande Mocha da Starbucks. A barba grisalha era menos no estilo lenhador viril e mais no estilo lobo do mar pobre e pernetá.

Que a idade e o corpo flácido fossem surpresa pareceu irônico a Clint. Ele nunca tivera muita paciência com vaidade masculina, principalmente na meia-idade, e a experiência profissional acumulada diminuiu ainda mais essa paciência. Na verdade, o que Clint via como o grande ponto de virada na sua carreira médica tinha acontecido dezoito anos antes, em 1999, quando um potencial paciente chamado Paul Montpelier procurou o jovem doutor com uma “crise de ambição sexual”.

Ele perguntou a Montpelier:

— Quando diz “ambição sexual”, o que você quer dizer? — Pessoas ambiciosas procuravam promoções. Não dava para ninguém se tornar vice-presidente de Sexo. Era um eufemismo peculiar.

— Eu quero dizer... — Montpelier pareceu pesar várias descrições. Ele limpou a garganta e declarou: — Eu ainda quero fazer. Eu ainda quero ir atrás.

Clint disse:

— Isso não parece uma ambição incomum. Parece normal.

Recém-saído da residência psiquiátrica e ainda nada flácido, aquele era o segundo dia de Clint no consultório, e Montpelier era seu segundo paciente.

(Sua primeira paciente tinha sido uma adolescente com ansiedade por causa do vestibular. Porém, rapidamente surgiu a informação de que

a garota havia se saído muito bem nas provas. Clint observou que aquilo era excelente, e não houve necessidade de tratamento e nem de segunda consulta. *Curada!*, ele escreveu na parte de baixo do bloco amarelo no qual tomava notas.)

Sentado na poltrona de couro em frente a Clint, Paul Montpelier estava vestido naquele dia com um colete branco e uma calça de pregas. Estava encolhido com um tornozelo cruzado sobre o joelho, a mão apoiada no sapato social enquanto falava. Clint o viu estacionar um carro esporte vermelho-bala no estacionamento em frente ao prédio baixo. Trabalhando no alto da cadeia alimentar da indústria de carvão ele conseguiu dinheiro para comprar um carro assim, mas o rosto comprido e abatido lembrava a Clint os Irmãos Metralha, que azucrinavam o tio Patinhas nos quadrinhos antigos.

— Minha esposa diz... bem, não com todas as palavras, mas você sabe como é, o significado está claro. O, hã, *subtexto*. Ela quer que eu pare. Que deixe minha ambição sexual de lado. — Ele levantou o queixo.

Clint acompanhou o olhar dele. Havia um ventilador girando no teto. Se Montpelier colocasse a ambição sexual lá em cima, seria cortada.

— Vamos voltar um pouco, Paul. Como o assunto surgiu entre você e sua esposa? Onde isso começou?

— Eu tive um caso. Esse foi o incidente que levou a isso. E Rhoda, minha esposa, me botou pra fora de casa! Eu expliquei que o problema não tinha sido ela, foi que... eu tinha uma necessidade, sabe? Os homens têm necessidades que nem sempre as mulheres entendem. — Montpelier girou o pescoço. Deu um chiado frustrado. — Eu não quero me divorciar! Tem uma parte de mim que sente que é ela quem tem que se conformar com isso. Comigo.

Havia manchas roxas e fundas embaixo dos olhos de Montpelier e um corte abaixo do nariz de quando ele tinha feito a barba, possivelmente com um barbeador ruim que teve que comprar porque esqueceu o bom quando a esposa o botou para fora. A tristeza e o desespero do homem eram reais, e Clint conseguia imaginar a náusea gerada por aquela mudança repentina, morando com uma mala em um hotel, comendo omeletes aguadas sozinho em uma lanchonete. Era dor autêntica. Não era depressão clínica, mas era importante e merecedora de respeito e cuidado, apesar de ele provavelmente ter sido o causador da própria situação.

Montpelier se inclinou por cima da barriga, que crescia.

— Vamos ser sinceros. Eu tenho quase cinquenta anos, dr. Norcross. Meus melhores dias sexuais já passaram. Eu dei todos esses para ela. *Entreguei* para ela. Eu troquei fraldas. Fui a todos os jogos e competições e juntei a poupança para a faculdade. Marquei todos os quadradinhos no questionário sobre casamento. Por que não podemos chegar a uma espécie de acordo? Por que tem que ser tão terrível e divergente?

Clint não respondeu, só esperou.

— Semana passada, eu estava na casa da Miranda. É a mulher com quem estou dormindo. Nós transamos na cozinha. Transamos no quarto dela. Quase conseguimos uma terceira vez no chuveiro. Eu fiquei feliz pra caramba! Endorfinas! E aí, fui para casa, nós tivemos um bom jantar em família e jogamos Scrabble, e todo mundo estava se sentindo ótimo também! Onde está o problema? É um problema *fabricado*, é isso que eu acho. Por que eu não posso ter certa liberdade aqui? É pedir demais? É tão ultrajante?

Por alguns segundos, ninguém falou. Montpelier observou Clint. Boas frases nadavam e corriam pela cabeça de Clint como girinos. Seriam fáceis de pegar, mas ele se segurou.

Atrás do paciente, encostada na parede, havia a gravura emoldurada de Hockney que Lila tinha dado para Clint para “dar calor ao consultório”. Ele planejava pendurar mais tarde, naquele mesmo dia. Ao lado da gravura estavam as caixas parcialmente desembaladas de textos médicos.

Alguém precisa ajudar esse homem, o jovem médico se viu pensando, e isso deveria acontecer naquela salinha bonita e tranquila com aquela gravura de Hockney na parede. Porém, essa pessoa que ia ajudá-lo deveria ser o dr. Clinton R. Norcross?

Afinal, ele tinha se esforçado muito para ser médico, e não houve poupança para a faculdade para ajudar. Ele tinha crescido em circunstâncias diferentes e pagado pelos estudos, às vezes com mais do que dinheiro. Para se formar, havia feito coisas sobre as quais nunca contou para a esposa e nunca contaria. Foi para isso que tinha feito essas coisas? Para tratar o sexualmente ambicioso Paul Montpelier?

Uma careta suave de pedido de desculpas surgiu no rosto de Montpelier.

— Ah, cara. Droga. Eu não estou fazendo isso direito, estou?

— Você está indo muito bem — disse Clint, e pelos trinta minutos seguintes, deixou as dúvidas de lado.

Eles avaliaram a situação; observaram de todos os ângulos; discutiram a diferença entre desejo e necessidade; falaram sobre a sra. Montpelier e suas preferências triviais (na opinião de Montpelier) na cama; eles até fizeram um desvio surpreendentemente cândido para visitar a primeira experiência sexual adolescente de Paul Montpelier, quando ele se masturbou usando a boca do crocodilo de pelúcia do irmãozinho.

Clint, de acordo com sua obrigação profissional, perguntou a Montpelier se ele já tinha pensado em se automutilar. (Não.) Questionou o que Montpelier sentiria se os papéis estivessem invertidos. (Ele insistiu que diria para ela fazer o que precisasse fazer.) Onde Montpelier se via em cinco anos? (Foi nessa hora que o homem com o colete branco começou a chorar.)

No final da consulta, Montpelier disse que já estava ansioso pela próxima, e assim que ele foi embora, Clint ligou para a secretária. Ele instruiu que passassem todas as suas ligações para um psiquiatra em Maylock, a cidade mais próxima. A secretária perguntou por quanto tempo.

— Até nevar no inferno — disse Clint.

Da janela, ele viu Montpelier dar ré no carro vermelho e sair do estacionamento, para nunca mais ser visto.

Em seguida, ligou para Lila.

— Oi, dr. Norcross. — O sentimento que a voz dela causava nele era o que as pessoas queriam dizer, ou ao menos deveriam, quando diziam que o coração cantava. Ela perguntou como estava sendo o segundo dia dele.

— O homem menos perceptivo dos Estados Unidos veio me fazer uma visita — disse ele.

— Ah? Meu pai foi aí? Aposto que a gravura de Hockney deixou ele confuso.

Ela era rápida, sua esposa, tão rápida quanto calorosa, e tão durona quanto rápida. Lila o amava, mas nunca parava de provocar. Clint achava que precisava daquilo. A maioria dos homens deveria precisar.

— Ha-ha — disse Clint. — Mas escute: aquela vaga que você mencionou na prisão. Onde você ouviu sobre isso?

Houve um ou dois segundos de silêncio enquanto sua esposa pensava nas implicações da questão. Ela respondeu com uma pergunta:

— Clint, tem alguma coisa que você precisa me contar?

Clint não tinha nem considerado que ela poderia ficar decepcionada com a decisão dele de largar o atendimento particular por um trabalho para o governo. Tinha certeza de que ela não ficaria.

Graças a Deus por Lila.

3

Para passar o barbeador elétrico nos pelos grisalhos embaixo do nariz, Clint tinha que retorcer o rosto a ponto de parecer o Quasímodo. Um pelo branco como neve se projetava de dentro da narina esquerda. Anton podia erguer halteres o quanto quisesse, mas os pelos brancos nas narinas aguardavam todos os homens, assim como os que saíam das orelhas. Clint conseguiu cortar aquele.

Ele nunca havia tido um corpo como o de Anton, nem no último ano do ensino médio, quando o tribunal lhe concedeu independência, e ele morava sozinho e corria. Clint era mais esguio, mais magro, sem barriga, mas reto, como seu filho Jared. Em sua lembrança, Paul Montpelier era mais rechonchudo do que a versão de si mesmo que Clint viu naquela manhã, mas se parecia mais com um do que com o outro. Onde ele estava agora, Paul Montpelier? A crise tinha sido resolvida? Provavelmente. O tempo cura todas as feridas. Claro, como uma pessoa espirituosa já tinha observado, também causa feridas novas.

Clint não tinha mais do que a vontade normal (ou seja, saudável, consciente e baseada em fantasias) de transar fora do casamento. Sua situação não era, diferentemente da de Paul Montpelier, nenhum tipo de crise. Era a vida normal como ele a entendia: uma segunda olhada na rua para uma garota bonita; um olhar instintivo para uma mulher de saia curta saindo de um carro; uma onda de desejo quase subconsciente por uma das modelos que enfeitavam o programa *The Price Is Right*. Era uma coisa meio triste, ele achava, triste e talvez um pouco cômica, a forma como a idade nos arrasava para cada vez mais longe do corpo de que se mais gostava e deixava os velhos instintos (não ambições, graças a Deus) para trás, como o cheiro de comida bem depois que o jantar foi consumido. E ele estava julgando todos os homens por si mesmo? Não. Ele era um integrante da tribo, só isso. As mulheres eram os verdadeiros enigmas.

Clint sorriu para si mesmo no espelho. Estava barbeado. Estava vivo. Tinha mais ou menos a mesma idade que Paul Montpelier tinha em 1999.

Para o espelho, ele disse:

— Ei, Anton. Vai se foder. — A bravata era falsa, mas pelo menos ele se esforçou.

Atrás da porta do banheiro, ouviu uma tranca estalar no quarto, uma gaveta ser aberta e um baque, quando Lila colocou o cinturão com coldre na gaveta, fechou e trancou de novo. Ele ouviu o suspiro e o bocejo dela.

Para o caso de ela já ter adormecido, ele se vestiu sem falar nada, e em vez de se sentar na cama para calçar os sapatos, Clint os pegou para levar para o andar de baixo.

Lila pigarreou.

— Tudo bem. Ainda estou acordada.

Clint não sabia se isso era totalmente verdade; Lila tinha conseguido abrir o botão de cima da calça do uniforme antes de cair na cama, mas não tinha nem entrado embaixo das cobertas.

— Você deve estar exausta. Vou sair logo. Todo mundo bem em Mountain?

Na noite anterior, ela havia mandado uma mensagem dizendo que tinha havido um acidente em Mountain Rest Road. **Não espere acordado.** Apesar de não ser inédito, também não era comum. Ele e Jared grelharam bifês e tomaram algumas cervejas Anchor Steams no deque.

— Um trailer se soltou. Da Pet sei lá o quê. Aquela rede de lojas. Virou de lado e bloqueou a rua toda. Tinha areia de gato e ração de cachorro para todo lado. Acabamos tendo que tirar tudo com uma escavadeira.

— Parece um show de horrores. — Ele se inclinou e deu um beijo na bochecha dela. — Ei. Quer começar a correr comigo? — A ideia tinha acabado de ocorrer a ele, e ficou animado na mesma hora. Não dava para impedir o corpo de decair e engordar, mas dava para lutar contra isso.

Lila abriu o olho direito, verde-claro na escuridão do quarto, com as cortinas fechadas.

— Não esta manhã.

— Claro que não — disse Clint.

Ele ficou parado acima dela, achando que Lila ia retribuir o beijo, mas ela só desejou que ele tivesse um bom dia, que mandasse Jared tirar o lixo. O olho se fechou. Um brilho verde... e sumiu.

O cheiro no barracão estava quase forte demais para suportar.

A pele de Evie ficou arrepiada, e ela teve que lutar para não vomitar. O fedor era uma mistura de produtos químicos queimados, fumaça de folha velha e comida estragada.

Uma das mariposas estava no cabelo dela, aninhada e batendo as asas em segurança no couro cabeludo. Ela respirou da forma mais superficial que conseguiu e olhou ao redor.

O barracão pré-fabricado tinha sido montado para fabricar drogas. No centro do espaço, havia um fogão a gás preso por tubos amarelados a dois botijões brancos. Na bancada junto à parede, havia bandejas, jarras de água, um pacote aberto de sacos Ziploc, tubos de ensaio, pedaços de rolha, incontáveis fósforos usados, um cachimbo de dose única com fornilho queimado e uma pia utilitária ligada a uma mangueira que passava por baixo da rede que Evie puxou para entrar. Havia garrafas vazias e latas amassadas no chão. Havia uma cadeira dobrável que parecia bamba e com logo de Dale Earnhardt Jr. nas costas. Enrolada no canto, uma camisa quadriculada cinza.

Evie sacudiu a camisa para deixá-la menos dura e tirar ao menos um pouco da sujeira, e a vestiu. A parte de trás caía abaixo da bunda e das coxas. Até recentemente, aquela peça tinha pertencido a alguém nojento. Uma mancha impressionante com o formato da Califórnia descendo pela área do peito declarava que aquela pessoa nojenta era desastrada e gostava de maionese.

Ela se agachou ao lado dos botijões e soltou os tubos amarelados. Em seguida, girou as válvulas dos tanques de propano menos de um centímetro cada.

De volta ao lado de fora do barracão, tendo fechado a porta depois de passar, Evie parou para respirar ar puro.

Uns noventa metros descendo pelo barranco da floresta, havia um trailer com uma área de cascalho na frente e uma picape e dois carros estacionados. Três coelhos eviscerados, um ainda pingando, estavam pendurados em um varal junto com algumas calcinhas desbotadas e uma jaqueta jeans. Nuvens de fumaça saíam da chaminé do trailer.

Olhando para trás, pelo caminho que tinha tomado pela floresta aberta e pelo campo, a Árvore não estava mais visível. Ela, porém, não estava sozinha; mariposas cobriam o telhado do barracão, tremendo e esvoaçando.

Evie desceu o barranco. Galhos secos machucavam seus pés, e uma pedra cortou seu calcanhar. Ela não diminuiu o passo. Suas feridas cicatrizavam rápido. Perto do varal, ela parou para ouvir. Escutou um homem rindo, uma televisão ligada e dez mil minhocas no terreno ao redor, afofando o solo.

O coelho que ainda estava sangrando revirou os olhos embaçados para ela. Ela perguntou o que havia ali.

— Três homens, uma mulher — disse o coelho.

Uma única mosca voou dos lábios pretos destruídos do animal, zumbiu em volta e entrou na cavidade da orelha inerte. Evie ouviu a mosca se movendo lá dentro. Não culpava a mosca, ela estava fazendo o que uma mosca tinha sido feita para fazer, mas lamentou pelo coelho, que não merecia um destino tão sujo. Embora amasse todos os animais, Evie gostava muito dos menores, os que rastejavam por campinas e saltavam pela vegetação, os de asas frágeis e que se deslocavam com rapidez.

Ela colocou a mão em concha atrás da cabeça do coelho moribundo e levou delicadamente a boca preta e suja à dela.

— Obrigada — sussurrou Evie, e deixou tudo ficar silencioso.

5

Um benefício de viver no canto deles dos Apalaches era que dava para pagar uma casa decente com dois salários do governo. A casa dos Norcross era contemporânea, com três quartos, em um condomínio de casas similares. Eram casas bonitas, espaçosas sem serem grotescas, tinham gramados adequados para jogar bola e vistas que, nas estações verdes, eram vívidas, cheias de colinas e folhas. O que era um pouco deprimente no condomínio era que, mesmo com preços reduzidos, quase metade das casas bem atrativas estava vazia. A casa de demonstração no topo da colina era a exceção: aquela era mantida limpa, brilhante e mobiliada. Lila dizia que era questão de tempo até que um viciado em metanfetamina